



Alexandre Costa Lima

Chris Jefferies ou o direito a ser excêntrico

No dia 25 de dezembro de 2010, um casal que caminhava pela neve em Bristol, Inglaterra, encontrou o corpo congelado de Joanna Yeates, uma arquiteta que vivia com o namorado e que estava desaparecida desde o dia 17 de dezembro. Àquela altura, já estava em andamento uma enorme operação de busca, envolvendo a polícia do condado de Avon e Somerset, a mídia britânica e os habitantes da cidade. Muitos suspeitos foram interrogados pela polícia, mas sem resultados concretos. Joanna morava em um pequeno apartamento alugado, pertencente a Christopher Jefferies, um professor de Literatura Inglesa na Faculdade Clifton, em Bristol, e que, por coincidência, morava no mesmo prédio que ela.

Quando a mídia começou a sitiá-la em busca de informações, a figura excêntrica de Christopher imediatamente se destacou. Ele era sujeito com uma aparência estranha, falando um inglês sofisticado, tingido pelo sotaque arrogante da elite que estudou nas melhores universidades inglesas. Era também um solteirão com longos cabelos brancos fixados com laquê para disfarçar a calvície e que mexia incessantemente a cabeça ao conversar, como se coisa

mais banal fosse motivo de espanto. Ademais, era um sujeito cortês, mas arremido, cioso de sua privacidade e ciente do imenso fosso intelectual que o separa da maioria das pessoas. Na verdade, Christopher representava o sujeito que só desejava ser o que ele é.

Sua forma singular de existir atraiu também a atenção da polícia, que o prendeu e interrogou por três dias e, ao fim, resolveu soltá-lo porque não construiu nenhuma acusação contra ele. Nesse ínterim, toda a mídia britânica comentava descontroladamente a personalidade de Christopher, inventava histórias sobre ele e até pagava os vizinhos para comentarem e condenarem a sua personalidade bizarra.

Quando ele sai da prisão, os vizinhos lhe dão as costas, ele perde o emprego e até a dona da padaria se recusa a atendê-lo. Ele agora é o dono de uma suposta personalidade doentia e assassina, um paria que perdeu os amigos, um monstro oculto que a mídia revelou a tempo.

Como ele próprio define, construiu-se um relato de esgoto sobre sua pacata vida, mas ele irá dedicar o resto de sua vida a restaurar, nos tribunais, a sua honra perdida.

Christopher seria o sujeito que Paula Sibilia, no livro ‘La intimidad como espetáculo’, chama de personalidade indotiridida por apresentar uma interioridade rica e densa, cultivada na privacidade da solidão, alimentada pela leitura, pelo cinema e pelas artes. Nessa forma de ser, existe o permanente incentivo à criatividade pessoal, à afirmação das diferenças e da excentricidade. Na verdade, Christopher seria uma pessoa cuja conduta é exatamente o oposto daquilo que a cultura de massas contemporânea diz que devemos ser. Não admira que a mídia tenha tentado estraçalhá-lo.

Devemos entender que existe hoje uma mutação tipicamente massificada de ser e de estar no mundo. Se no século XIX e meados do XX, por exemplo, o diário íntimo, a psicanálise e diversas formas de introspecção contribuíam para o “conhece-te a ti mesmo” proposto por Sócrates milênios atrás, a cultura de massa contemporânea oferece o incentivo para que o sujeito produza permanentemente cópias descartáveis do mesmo e de si mesmo (como é o caso da febre dos selfies nas redes sociais). Trata-se da exaltação do banal, um mecanismo que produz uma perpétua satisfação no sujeito que constata a própria



Christopher seria uma pessoa cuja conduta é exatamente o oposto daquilo que a cultura de massas diz que devemos ser

mediocridade e a alheia ao navegar nas redes sociais. Como diz Sibilia: ali, a criatividade virou mercadoria.

É próprio da massificação determinar a configuração de certas formas de ser, previsíveis e facilmente controláveis, e evitar o surgimento de outras modalidades existenciais. Será que aconteceu isso com Christopher? A mídia rejeitou e resolveu destruir uma subjetividade que não se enquadrava nos parâmetros programáveis que ela mesma incentivou ao longo do tempo. Hoje, ser cidadão é ser consumidor e nada mais. Para o capitalismo, pessoas excêntricas são mal vistas, porque não é possível produzir e vender coisas para personalidades imprevisíveis.

Ora, por uma feliz coincidência, o diretor de cinema Roger Michell havia sido aluno de Christopher em Clifton, e viu todo o escândalo produzido pela mídia, mas não acreditou na história e resolveu investigar e rodar um filme sobre o assunto. Encomendou um script para Peter Morgan, entrevistou Jefferies, outras pessoas envolvidas e obteve até mesmo a transcrição dos interrogatórios

do professor pela polícia. O resultado é ótimo e o ator Jason Watkins ganhou o prêmio de melhor ator do Bafta 2015.

A película traz momentos muito engraçados, como quando Chris corrige a ortografia e depois a pronúncia dos detetives que o interrogavam ou sugere expressões de cortesia aos policiais que o visitaram em casa após a descoberta do corpo. Outro momento irônico é quando ele se encontra na sala de espera do tribunal em Londres e é reconhecido por um famoso comediante inglês que, então se apresenta a ele como celebridade televisiva, e pergunta porque Chris está ali anônimo e o nosso excêntrico professor o corrige dizendo que anônimo é aquele que não tem nome e que ele, Chris, está ali incógnito.

Certamente, o bem mais valioso de cada sujeito é o caráter original de sua personalidade, o que lhe permite estabelecer estratégias individuais na construção de si que desafiem as tendências hegemônicas propostas pela cultura de massas. Segundo Sibilia, a personalidade “alterdirigida” (gerada pela massificação) organiza a experiência de si mes-

mo não como uma narração consciente e autônoma, mas como um caleidoscópio de identidades efêmeras de instável visibilidade. Trata-se da evidente degradação do ser no ter e do ter no parecer. Cada vez mais é necessário aparecer para ser. Se ninguém vê algo, então é provável que esse algo não exista.

Na Semiótica, o esquema da manifestação “parecer/não parecer” se opõe ao esquema da imanência “ser/não ser”. O jogo da verdade consiste em inferir a existência da imanência a partir da manifestação, o que equivale a verificar se o que parece ser, de fato é. Quanto mais imediata for a manifestação da imanência, mais autêntica será a coisa. Moralmente, isso equivale à sinceridade. Ao contrário, quanto mais acentuada for a distância entre a imanência e a manifestação, mais hipócrita será o sujeito. Christopher Jefferies teve a sua reputação quase destruída simplesmente porque quis exercer o direito de ser autêntico.

O filme “A honra perdida de Chris Jefferies” pode ser encontrado na Netflix. ■